

# “O mundo está em aberto”: Entrevista com Jardel Leal

Julia Polessa Maçaira<sup>1</sup>

Gustavo das Neves Bezerra<sup>2</sup>

Parvos pesquisadores: fomos ao encontro de Jardel Leal como se fôssemos encontrar apenas mais um economista ligado ao movimento sindical e acabamos encontrando um dos mais exemplares integrantes dos movimentos de 1968 no Brasil, que se reconhece no caráter das reivindicações que eclodiram em meados de 2013 (por serviços públicos de qualidade) e no formato de ocupações de massas no espaço público. Imaginávamos que íamos ouvir dele uma espécie de repri-menda a um dos clamores que ecoaram nas ruas exigindo passeatas “sem bandeiras”, um tipo de discurso que proliferou em junho, muitas vezes dirigido a entidades sindicais, inclusive

acompanhado de atos violentos. Contra as expectativas, o que ouvimos de Jardel, ao longo de quase três horas, foi uma enfática denúncia do economicismo do debate público das últimas décadas, do fetichismo da ideia do expert das questões sociais e do corporativismo da ação sindical ritualizada. Esse conjunto, segundo o entrevistado, introverte a dimensão política das decisões que precisam ser tomadas pela sociedade. Na verdade, deveríamos estar precavidos: por motivações de ativista, Jardel largou a faculdade de economia no final dos anos 1960 para se tornar operário naval até meados da década de 1990, quando a

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Sociologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia, IFCS/UFRJ.

<sup>2</sup> Doutor em Sociologia pelo Instituto de Estudos Sociais e Políticos, IESP/RJ.

crise econômica o levou de volta à Universidade Federal Fluminense e de lá ao Dieese (Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos). Sua trajetória, portanto, tem a marca da contestação basista, do engajamento classista e da política como arena da ação de massas. Seu encanto com a política foi precoce, datando das iconoclásticas intervenções urbanas do movimento estudantil ainda na década de 1950, como ele detalhará a seguir.

Seu entusiasmo com os protestos de rua e sua crítica à rotinização da ação sindical não significam rejeição pelo que faz no Dieese. Bem ao contrário, ele crê que o Dieese encarna aquilo que deve ser fortalecido: a ação da classe trabalhadora em conjunto, que transcenderia os particularismos de cada categoria e de cada cúpula sindical. Essa ideia de ação intersindical, “de classe”, teria dado origem à entidade na década de 1950, e permaneceria latente em textos que combatem a ideia de que a atuação sindical deve priorizar a corrida atrás do movimento

dos preços e levantando a necessidade de se discutir qualitativamente a desigualdade entre os salários. O entusiasmo de Jardel não é deslumbrado nem inconsequente: pelo contrário, demonstra sua maturidade enraizada nas experiências de vida e de trabalho. Expressando-se pausadamente, a emoção de sua voz indica uma fala que de forma alguma foi decorada, mas reflete o humanismo desse economista singular.

Enfim, nas idéias de Jardel, encontramos uma boa lição de como faz sentido aproximar os acontecimentos recentes de antigos repertórios de expectativas e de ação coletiva, ajudando-nos a perceber o zigue-zague do tempo e das invenções políticas que buscam fazer com que as arenas públicas transcendam o capitalismo em sua “forma mais acabada”, como ele diz. É exuberante ouvir uma narrativa tão persuasiva de alguém situado fora da academia, mas profundamente conhecedor do cotidiano das relações

de trabalho e das histórias dos movimentos contestatórios no Brasil. O entrevistado, aliás, algumas vezes insinua o academicismo de seus entrevistadores e das referências bibliográficas que citamos durante a conversa. Porém, ele mesmo sabe fazer essa ponte entre ação e meio acadêmico, como quando menciona o conceito de “acontecimento” de Foucault para confrontar o Castoriadis evocado por nós. Mais uma vez, eis Jardel propondo-nos um tipo de proximidade por ser costurada. Os entrevistadores pretendem ter dado uma contribuição no mesmo sentido, ao trazer para a revista não um “olhar do Dieese”, mas um olhar “a partir do Dieese”, de protestos que foram, em princípio, tão estranhos ao movimento sindical. A visão de Jardel não se trata de qualquer versão autorizada do órgão, mas antes um pensar alto e em bom som que pode ser frutífero para a construção de pontes. Quanto a ter ou não bandeiras, as de Jardel, só não vê quem não quer empunhadas ali a ação

de massas, a esfera pública e a classe trabalhadora.

Quem se interessar por essa entrevista vai logo entender, ao ler as primeiras linhas da transcrição, em quais condições ela aconteceu e, talvez, um preâmbulo fosse desnecessário. O principal tema dessa conversa seriam as manifestações de junho de 2013, no Brasil e, especialmente na cidade do Rio de Janeiro. Porém desde o dia 23 de agosto de 2013, até meados de novembro, quando o texto foi submetido à publicação, as manifestações não pararam de se complexificar. Os protestos começaram na época da Copa das Confederações, somaram-se a uma greve dos bancários e, pouco depois, à greve dos professores das redes municipais e estaduais de educação. Como bem disse nosso entrevistado: “O mundo está em aberto”.

Nosso intuito, com essa entrevista, foi trazer para o debate as reflexões de uma pessoa envolvida com as lutas sociais desde a década de 1960,

que não se propõe a dar respostas fechadas sobre o presente em ebulição, mas interessada em abrir o diálogo sobre uma realidade mutante e de difícil interpretação. O entrevistado nos convida para uma nova forma de entrevista, deslocando-nos de um lugar passivo e colocando-nos como interlocutores. No final das contas, ele tinha muito a dizer, sua fala é consistente e nos emociona ao traçar um painel histórico repleto de carne e osso, sangue e suor, especialmente quando questiona o conceito de violência ao nos propor o cotejamento entre a depredação de patrimônios materiais, públicos ou privados, em contraposição à depredação do patrimônio humano vilipendiado pelo capitalismo. Convidamos todos a conhecerem esse depoimento.

Boa leitura!

Entrevista com Jardel Leal, realizada no escritório do Dieese-RJ no dia 23 de agosto de 2013

Jardel: Mas então deixa eu dizer o que eu pensei para a nossa conversa. Apesar dos entrevistadores em geral se apresentarem como se fossem pontos neutros, os entrevistadores, na verdade, conduzem a entrevista. Um bom entrevistador pode conduzir a conversa com o entrevistado levantando questões relevantes e deixar a coisa rolar e as próprias respostas servirem para orientar o percurso da entrevista. O comum, no entanto, é haver uma pauta predefinida, em que, na verdade, o entrevistado fica enquadrado naquilo. Eu acho que nós poderíamos fazer uma experiência, dado que [vocês] não são entrevistadores isentos, não no sentido de ter uma intencionalidade x ou y, no sentido de adotarem um viés de interpretação, mas entrevistadores que, por possuírem uma capacidade analítica das questões a serem discutidas, podem colaborar com o entrevistado para fazer uma reflexão mais qualificada. Primeiro porque o tema que vamos discutir é um tema do

cotidiano, do presente, e é preciso fazer um esforço muito maior para evitar analisar o presente como se fosse uma coisa já apreendida. Então talvez valesse a pena fazermos uma tentativa de vocês não só fazerem perguntas, mas também arriscar na análise e abrirmos espaço, inclusive para um possível conflito intelectual entre nós, o que é profundamente saudável, mesmo que não seja aceito para sair na revista. Isto pode ser um começo diferente. E eu não me sinto também obrigado a dar respostas taxativas, uma vez que o mundo está aberto e essas manifestações abriram os espaços para a reflexão sobre as ações coletivas e ninguém hoje pode dizer com segurança o que de fato está acontecendo. Então, gostaria que tentássemos conduzir nossa conversa deste modo.

Gustavo: Isso é quase uma epígrafe, uma janelinha que abre o texto: "O mundo está aberto". Eu acho uma boa declaração.

Jardel: "Os homens são seres abertos para o mundo" e nós vamos aproveitando essa oportunidade. Então vamos ver.

Julia: O meu interesse em propor isso para o Gustavo e de convidá-lo para conversar é porque eu estava achando muito estranho a ausência do Dieese na mídia. Eu acompanho e fico sempre atenta no que sai sobre o Dieese. Em 2008, a entidade foi muito chamada, quando teve a crise econômica mundial. Lembro muito de ter membros do Dieese falando em diferentes canais, veículos, e eu estranhei essa ausência atual.

Gustavo: Eu pensei assim: vou propor uma coisa que o Jardel vai gostar, vou fazer a primeira pergunta para Julia, porque que ela quis falar com o Jardel. Eu sei que ela associou essa conversa ao aparecimento de um cenário novo, em que tinha uma coisa interessante, que era apontar para algumas pautas que estavam submersas, e algumas pessoas falarem em mais uma

vez mexer nas estruturas de como fazer política. Ao mesmo tempo tinha um ressentimento, uma coisa que a gente já viu, que a sua geração já viu duas vezes, que é justamente a tentativa de conquistar um novo, mas com muito ressentimento em relação ao velho, às estruturas antigas. A Julia que me trouxe essa curiosidade: Como o Dieese está vendo uma juventude que aparece para fazer política, que diz que não quer presença de bandeiras, partidos e entidades, nem mesmo as sindicais? Então ela me trouxe essa pergunta, e essa vontade, na verdade, de fazer uma entrevista em que o Dieese pudesse de alguma maneira falar para essa juventude que está dizendo que não precisa de carro de som, não precisa de sindicato. Claro que talvez seja muito direto começar por aí. Se a gente vai começar por esse carço, talvez seja difícil. Em sendo uma entrevista, vamos pensar em metodologia de entrevista, até para quebrar o gelo. Já que queremos apresentar o Dieese para esse cenário, você podia falar um

pouco da sua trajetória, suas causas, causas que você defendeu na vida, na sua história, e depois fazer uma ligação com a sua entrada no Dieese, como você vê o Dieese na sua biografia. Então fala um pouco sobre isso...

Jardel: Pensei que você fosse querer que a Julia...

Gustavo: É, porque eu acabei falando, mas você quer comentar?

Julia: Me chamou a atenção essa ausência do Dieese, sendo convidado a falar publicamente sobre o assunto. É também um interesse de divulgar para os alunos do IFCS, para essa nova geração, a importância do Dieese. Esse é um diálogo que a gente tem mantido, quer continuar tendo e quer divulgar. O intuito também da entrevista é esse que o Gustavo falou, é mostrar: olha, nem tudo que é velho é ruim, o movimento sindical fez coisas muito legais. E uma coisa me chamou muito a atenção nas passeatas, nas primeiras de junho, às quais eu fui: a despolitização e o desconhecimento. Eu

fui com a bandeira da ADUFRJ, e muitas pessoas não sabiam o que é ADUFRJ, eu explicava e as pessoas não sabiam o que é uma associação docente. E acho que divulgar essa entrevista é uma oportunidade de apresentar uma visão analítica, uma dentre as possíveis.

Gustavo: Na verdade não vamos nem falar que é uma resposta do Dieese, é um olhar vindo do Dieese

Jardel: E eu acho que essa ressalva é uma observação bastante adequada. Primeiro é um olhar, e um olhar de um determinado ponto de vista, uma determinada perspectiva. Antes da resposta à questão formulada pelo Gustavo, eu diria o seguinte: nos últimos tempos, o Dieese tem sido acionado e tem sido muito acionado para reforçar uma determinada perspectiva, que é colocar, no lugar da política, as questões de ordem econômica. Vocês sabem que, na medida em que o capitalismo vai ganhando força, vai-se desenvolvendo na sua forma mais aca-

bada, a economia, de certa forma, ganha a centralidade nas decisões e aí você desloca a política do seu lugar e, muitas vezes, o Dieese é acionado como instrumento deste processo. Por exemplo, as lutas promovidas pelos sindicatos em geral, possuem caráter fortemente corporativo e economicista. Apresenta-se aí a questão dos salários, de defesa de interesses de categorias específicas e centrados em indicadores que refletem o desempenho econômico-financeiro das empresas e do país. Se você pegar os jornais dos últimos tempos, em especial o noticiário da televisão, que utiliza de forma enganosa, para não dizer o pior, conceitos como "pibinho", "pibão", há não só uma intenção de acentuar a importância de alguns indicadores, mesmo confundindo taxas de crescimento com o tamanho da economia. Muitas vezes está-se falando da proporção do crescimento da economia como se este indicador fosse o determinante das condições de vida da população. Quando discute a questão da inflação,

por exemplo, a mídia tende a superdimensionar elementos de ordem econômica, e de certa forma também promover um processo de deslocamento da questão decisória de maior relevância do campo da política para o campo de fatores tratados de forma técnica. A política exige que você assuma a sua posição, a posição do grupo, da classe, expressa interesses que vai apontar a ideia do conflito, conflito social, conflito de classe. Na maioria das vezes nós somos chamados com a intenção de mostrar que existe uma cientificidade, uma tecnicidade que resolveria o problema fora do campo da disputa. Quando se apela para a ideia de que a técnica é a solução, quando se tem uma boa técnica, temos aí as condições para alijar o tratamento das questões baseado no jogo de interesses. Então, muitas vezes o Dieese é chamado a dar opinião sobre várias questões, enchem a bola do Dieese, sempre quando convém, na direção que convém. Essa é uma questão desafiadora

para nós. Nos coloca o dilema de sermos muito acionado, em determinados momentos, com destaque pela mídia, não significa necessariamente que a mídia está dando peso às reflexões feitas pelo Dieese. A mídia pode dar alguma importância de fato ao Dieese ao colocar as questões tratadas por ele como temas de pauta a ser trabalhada. Por exemplo, sair do jogo de correr atrás da inflação na disputa salarial para a discussão sobre distribuição de renda, aí pode ser uma discussão que vale a pena para o conjunto dos trabalhadores, entendeu? Há algum tempo, escrevemos um texto...

Julia: Vale a pena para vocês, mas não para o interesse da mídia.

Jardel: Exatamente. Há algum tempo, escrevemos um texto sobre o "processo de negociação coletiva em período de baixa inflação", que propunha iniciar um debate sobre a prática recorrente de correr atrás do movimento de preço, sem colocar em questão a desigualdade social, a desigual-

dade de renda e de riqueza que prevalece no país, e que deveria ser enfrentada pelo movimento sindical, porque mesmo a luta por melhores salários não deve se limitar apenas a correr atrás das variações de preço, os salários devem corresponder a uma noção que a sociedade estabeleça como padrão aceitável de qualidade de vida. Que cada profissional, através do seu trabalho, possa obter os recursos necessários para a sobrevivência dentro de um determinado padrão de desenvolvimento que a sociedade é capaz de assegurar. Então essa é uma questão importante para a mídia chamar o Dieese para debater com outras instituições. O que é mais importante, os sindicatos ficarem correndo atrás de aumento de salário acima da inflação, em torno de 2%, ou resolvermos os problemas das desproporções entre os salários e construirmos uma sociedade menos desigual e com maior inserção do ponto de vista da obtenção dos recursos necessários à sobrevivência?

Então, temos a oportunidade de discutir, por exemplo (o que está na cena), qual é o papel da educação pública, da saúde pública na elevação da qualidade de vida de toda a população. Isso sim é uma coisa importante, mas não somos chamados para isso.

Julia: E isso tem exatamente a ver, na minha opinião, com o que está acontecendo. As pessoas estão indo para a rua para falar, fazer uma crítica aos lucros do Eike Batista, tem essas pautas... a Fetranspor, a Odebrecht...

Jardel: Essa é uma coisa que eu acho que, na nossa conversa, devemos tratar. Aí, a minha sugestão de envolver vocês dois na tentativa de interpretação. Mas continuando na questão formulada pelo Gustavo, o Dieese é um órgão que foi criado em 1955 pelo movimento sindical. Naquela época, eu estava com 7 anos de idade... então não tenho nada a ver com tal fato, mas estávamos vivendo um período interessante, que eu quero também ligar ao momento atual... O Brasil viveu di-

versos momentos de expectativas diante do desabrochar no reencontro com a democracia. Em 1945, encerramos um processo longo de ditadura no Brasil, que foi o primeiro governo Vargas, e ali se encerrava o Estado Novo. Naquele momento, reencontramos... o povo brasileiro com a democracia, ou com um novo processo de democratização, mas entra um governo (Eurico Gaspar Dutra) profundamente repressor para organizações políticas e o movimento sindical. Então, reencontramos com a democracia em uma situação dramática de impedimentos. Assim, quando chegamos à porta de entrada das oportunidades do exercício da organização e participação popular nos deparamos com interrupções, mas de todo modo começou-se a ensaiar ali uma retomada da democracia. Em seguida, veio o segundo governo Vargas, em 1951, restabelecendo um relativo ambiente de democratização, com desconfianças de todos os lados. Diante de fortes restrições do governo norte-americano,

estabeleceu-se um pacto entre forças políticas internas com o objetivo de impedir que o governo de Vargas não adotasse um viés, na época denominado "república sindicalista", que estaria ameaçando outros países como Argentina e Chile. Criou-se ali um certo pacto em torno da necessidade de implementação de medidas para o enfrentamento dos obstáculos ao desenvolvimento brasileiro. Do ponto de vista econômico, amadurecia a necessidade de mudança, da estrutura econômica brasileira, para que o Brasil pudesse avançar rumo ao desenvolvimento. Apesar das fortes tensões políticas, criou-se um relativo consenso em torno da adoção do chamado Programa de Reparcelamento Econômico do governo, que contava, inclusive com a promessa de financiamento por instituições norte-americanas. Num ambiente marcado por todo tipo de denúncias, ocorre a própria interrupção do governo, com a morte do Getúlio, em agosto de 1954. Ainda sob a influência do clima político resultante

da morte de Getúlio Vargas e enfrentando ameaças, é eleito JK, em 1955, com um projeto de governo comprometido com a promoção de mudanças estruturais profundas na economia brasileira, assentada no processo de industrialização pela via da substituição das importações. É neste período que o Dieese é criado, com o objetivo de apoiar, do ponto de vista técnico e científico, o movimento sindical nos processos de negociação coletiva. Temos, então, a criação do Dieese para fornecer dados e informações para subsidiar as lutas do movimento sindical, ao mesmo tempo que entra em cena um governo que promove uma grande mudança estrutural da economia brasileira, iniciando uma experiência desenvolvimentista, promovendo a passagem de uma economia agrário-exportadora para uma economia de base industrial importante. Naquele momento, ganha importância a busca de soluções de caráter técnico para os problemas a serem superados para se promover a necessária transformação

da estrutura econômica do país, e o processo de industrialização passa a ser apresentado como capaz de resolver todos os problemas da sociedade brasileira. Então, o Dieese aparece num período em que se fortalecem as lutas sindicais em busca de maior participação no processo de democratização e de maior interferência da classe trabalhadora nos destinos que se desenhavam para o Brasil, ante os primeiros impactos de fortes mudanças estruturais. Nesse processo havia, inclusive, a expectativa de um acentuado crescimento da própria classe trabalhadora, capaz de garantir, num futuro próximo, maior poder de influência política. Terminado o governo JK, em 1960, entra o Jânio, que renunciaria em menos de um ano. Com a posse de Jango, apresentam-se como desafio a realização das reformas estruturais, essas reformas que estão hoje aí colocadas — reforma política, reforma agrária, reforma fiscal, financeira, educacional — , e o que acontece? No bojo desse processo é dado o golpe militar de 1964.

Uma vez mais dá-se a interrupção no processo de reencontro com a democracia e de construção de possibilidades de interferências das ações populares no desenho do que viria a ser o modelo de democracia brasileira. Então, temos de novo uma interrupção. O Dieese se mantém, enquanto avança uma ditadura que cassa, elimina seus opositores e intervém nos sindicatos e tal. O Dieese continua existindo de forma acanhada, mas permanece enfrentando as questões de medir a inflação e produção dos índices de custo de vida para servir de referência para a classe trabalhadora em busca de reposição salarial, num período em que houve um intenso arrocho salarial. Até que, em 1968, vêm as manifestações (...) e o Brasil passa a experimentar o período chamado “milagre brasileiro”, em virtude das altas taxas de crescimento econômico. O Dieese volta à cena por causa da divergência entre as taxas de inflação calculadas pelo Dieese e as divulgadas pelo governo. Estou falando disso porque o Dieese

acaba por ganhar importância por conta da sua opção de permanecer restrito ao tratamento de questões de ordem técnica e econômica, numa linha de “neutralidade” política. O Dieese ganhou importância, ao longo do tempo, por ser um órgão técnico que subsidia o movimento sindical.

Julia: Que foi criado pelo movimento sindical...

Jardel: Criado pelo movimento sindical e dirigido pelo movimento sindical. Temos um corpo técnico, mas a direção estratégica e a política do Dieese é de responsabilidade dos dirigentes sindicais. Minha relação de trabalho com o Dieese se dá a partir de 1995. Eu entrei na universidade exatamente em 1968, mas, bem antes de meu curso superior, já orientava meus estudos e interesse na tentativa de entender a realidade brasileira.

Gustavo: Você fazia movimento secundarista? Quer dizer, [o movimento] não tinha nem esse nome também...

Jardel: Não, não tive participação no movimento secundarista da minha época. Eu sou nascido no Rio de Janeiro, mas morei muito tempo fora do Rio, porque meu pai era professor em colégio agrícola e nós, geralmente, morávamos em cidades onde funcionavam esses colégios. Morando fora do Rio, já lá pelos meus 12 anos por aí...

Gustavo: Mas conta onde que era...

Jardel: Aos 12 anos eu estava morando em Juiz de Fora, e naquele momento acompanhava o movimento estudantil dos anos 1950 e início dos 60, antes do golpe. A cada situação de aumento de passagem dos meios de transportes — na época passagem do bonde, que era muito utilizado pelos estudantes —, havia um grande movimento para barrar as elevações de tarifa. Eu ficava entusiasmado com os noticiários de jornais e revistas da época: estudantes deitados na linha do bonde, jogando xadrez, jogando dama e barrando o trânsito.

Gustavo: Ah é? Já tinha essa iconoclastia toda...



**Figura 1.** Revolta dos Bondes, Rio de Janeiro, 1956. Manifestantes impedem a circulação de bondes. Foto: Acervo/Estadão. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=531513676884659&set=a.531512460218114.1073741824.182256521810378&type=3&theater>, acesso em 15/11/2013

Jardel: Pois é, se vocês pegarem as revistas da época, O Cruzeiro, Manchete, é possível resgatar isso. Então, o movimento estudantil no Brasil sempre foi importante e tinha relações fortes com as lutas contra a carestia. Aliás, acredito que o ímpeto por marcar a construção de um modelo social, de um modelo de cidadania que quere-

mos construir para o Brasil, é retomado de tempos em tempos. E havia um movimento estudantil importante, mas pelas minhas características pessoais e pelos constantes deslocamentos, não me integrei ao movimento estudantil secundarista, mas haviam organizações estudantis pelo país afora. Eu tinha uma insegurança pessoal grande, que só veio se resolver pouco tempo antes de eu entrar na universidade, quando, em minhas leituras, encontro a vertente de interpretação da realidade social, a qual resolvi abraçar. Desse modo, no momento em que entro na universidade, morava num prédio em Botafogo e participava de um grupo de jovens, e constituímos grupos de estudos sobre filosofia e estávamos antenados com os acontecimentos, já em plena ditadura.

Gustavo: Você tinha saído do interior para estudar aqui, já estava sem a família, é isso?

Jardel: Não, não, eu nunca me desloquei sem a família. Minha família

é que vivia mudando... eu morei em vários lugares do Brasil, a família ia, meu pai ia, nós íamos atrás, rodamos por várias cidades, e voltamos para o Rio de Janeiro. Sempre junto com meus pais e irmãos, em situações financeiras muito difíceis e tal, mas...

Julia: Eram muitos irmãos?

Jardel: Éramos quatro irmãos. Eu sou o terceiro. Apesar das dificuldades, eu insistia em estudar e não trabalhar (risos), então... e foi assim até chegar na universidade...

Gustavo: Então esse prédio... sua família morava nesse...

Jardel: Morava nesse prédio, na Voluntários da Pátria, do Ipase – Instituto de Pensões e Assistência aos Servidores do Estado. Meu pai era professor, funcionário público, e os funcionários públicos tinham direito a adquirir um apartamento ali. Eu estava em casa, naquele dia, e recebo a notícia de que havia sido morto o Edson Luiz. Imediatamente eu me arrumei e fui para o centro da cidade. Quando cheguei, ti-

nha um monte de gente, que provavelmente veio por conta da notícia. Ele foi morto no [restaurante] Calabouço, que era frequentado tanto por secundaristas quanto por universitários, e toda vez que tinha um aumento de preço dos gêneros alimentícios, dava confusão, quando a alimentação também tinha algum problema, dava confusão, e numa dessas manifestações a polícia militar matou o Edson Luiz. Então, o pessoal pegou o Edson e trouxe para cá, para a Cinelândia (na época a Assembleia Legislativa era aqui). Não tinha começado o ano letivo, mas eu já era estudante universitário. Pronto, não saímos mais da rua, porque todo o cerceamento que havia, de repente, é quebrado e você tem um encontro no espaço público, que é apropriado por um grupo que está contestando a situação. Então, passei por isso e, à medida que fui me envolvendo com o movimento estudantil, acabei participando do 30º Congresso da UNE [conhecido como Congresso de Ibiúna],

indicado pelos meus colegas de faculdade. Cada faculdade indicava um estudante, na forma de eleição, e eu fui...

Gustavo: Era a UFF, né?

Jardel: Era a UFF, economia da UFF. E fui lá para o 30º Congresso, sendo preso como todos os integrantes que participaram daquele congresso. E dali em diante as coisas foram se complicando, e acabei largando a universidade no segundo ano. Fiz um curso no Senai e virei metalúrgico. Trabalhei 16 anos como operário metalúrgico. Esse processo acaba se esgotando também. Não foi intenção minha, porque minha vontade era me aposentar como metalúrgico, o que seria possível com 25 anos de trabalho, pela profissão que eu tinha. Faltavam nove anos... e aí o setor naval enfrentou uma crise pesada, e me vi num grande conflito de conseguir um emprego, pondo em dificuldade a sobrevivência de outro companheiro que tinha como única possibilidade aquela condição de trabalho. Acabei sendo convencido pelos meus filhos (...).

Julia: Seus filhos eram crescidos?

Jardel: Já. Meu filho mais velho estava com 14 anos. Eles me convenceram a voltar a estudar. Eu retornei ao curso de economia, conseguindo, inclusive, recuperar os créditos do período anterior, e conclui o curso em 1989, já aos 41 anos de idade. Eu havia ingressado com 19 anos, e só consegui concluir 21 depois. Fiz em seguida o mestrado e defrontei-me com a questão de saber onde poderia trabalhar como economista. E então havia possibilidade de vir para o Dieese, que era um órgão que trabalhava com movimento sindical. Depois de algumas conversas, fui chamado para participar de uma pesquisa em 1995, no Dieese. Já estava dando aula na UFF. E em 1996 entrei definitivamente no Dieese. Então, além de ser um técnico do Dieese, tive uma experiência de envolvimento com a luta social, a luta contra a ditadura.

Julia: O que você lia lá no grupo de estudos de Botafogo?

Jardel: Nós estudávamos os autores de linha marxista, mas uma visão não dogmática, adotando o entendimento de que era um recurso de análise da realidade social que deveria ser atualizado de forma permanente no fogo das lutas sociais e não mera reprodução das teorias já elaboradas. Nesse sentido, acho que foi importante, na minha experiência de vida, ter participado de vários espaços de formulação... sobre educação popular, formação de trabalhadores pelos próprios trabalhadores... Por conta dessas experiências, em alguns momentos acabei por acompanhar alguns estudos acadêmicos que tratavam de questões sobre trabalho, sobre experiências da classe trabalhadora, sobre os trabalhadores de estaleiros, os trabalhadores metalúrgicos etc. Foi nessa situação que vim trabalhar no Dieese, onde foi preciso combinar o modo de atuar do órgão com a minha experiência de vida. Hoje, como técnico do Dieese, tento refletir sobre a situação atual, levando em conta o ponto de

vista da instituição em relação à situação dos trabalhadores, seus instrumentos de organização para interferir nesse processo e identificar os limites da organização sindical nesse processo. Falei demais...

Gustavo: O pior é que dá vontade de explorar vários subitens. A sua primeira fala, de uma maneira sempre muito surpreendente e inusitada, é de oposição ao economicismo, de valorização da política, de denúncia da instrumentalização do Dieese para uma mentalidade economicista. E tudo isso me leva a crer que na verdade você tem uma grande simpatia pelos movimentos de agora, ainda que daqui a pouco possamos ver quais são as nuances disso. A minha pergunta então é: Você se identifica com essa movimentação dos últimos meses? Você pode explorar também outros aspectos, com o que você não se identifica nessa história, por exemplo. Então, Jardel, você se identifica com os jovens que estão na rua, na internet?



**Figura 2.** “Transbordou, não é só por 20 centavos, é por direitos”. Manifestação no centro do Rio de Janeiro em 17 de junho de 2013. Foto: Samuel Tosta (ADUFRJ-SSIND).

Jardel: Aí é que vem a grande questão. Eu fiquei surpreso! E acredito que grande parte das pessoas, principalmente aquelas consideradas politizadas ou “conscientes”, ficou surpresa com os acontecimentos. Parece-me que a primeira explosão foi em São Paulo, com o Movimento Passe Livre, e obviamente, diante do escândalo da ação policial, o mínimo que poderia ocorrer era indignar-me de forma absurda com a explicitação do Estado policial, que jamais se desarticulou em nosso país. Do mesmo modo que, olhando para o processo político, ve-

mos o Brasil marcado por uma permanente cultura autoritária, exposta abertamente em dois longos períodos por cerca de aproximadamente 40 anos, num intervalo de 50 anos da história brasileira. Entretanto, mesmo nos momentos em que não tivemos ditadura, o Estado autoritário jamais se desmontou. E diante da ação policial, obviamente me veio a pergunta sobre o direito de manifestação, que tem que ser assegurado a todos os grupos da sociedade. De todo modo, tomei um susto, porque aquelas manifestações eram uma surpresa! O que acontece? A gente sempre acredita que as formas tradicionais de organização se repetirão como o motor detonar de mudanças. E olha que, ao longo da minha trajetória de vida, fui percebendo que a história se faz de forma surpreendente. Eu sempre tive grande simpatia pelos movimentos que brotam espontaneamente, porque acredito que estejamos também virando uma página diante da necessidade de grandes líderes, de grandes timoneiros, e passando a

construir mecanismos de enfrentamentos coletivos de classe que não sejam conduzidos por algum grande líder. Porque nossa história também é marcada pela noção de carência dessas figuras carismáticas. E eu não acredito nisso. Como dizia Galileu Galilei, na peça de Bertolt Brecht, diante da afirmação de ser “triste é um país que não tem um líder, uma nação que não tem líder”: “pobre do país que precisa de um líder”. Aparentemente, estaríamos diante de um caso desse tipo em nossa história? Surgem, assim, alguns elementos que fizeram despertar em mim certa simpatia pelo que estava ocorrendo, sem que eu tivesse qualquer entendimento de fato do que estava ocorrendo. Por outro lado, era possível perceber a tentativa de atribuir às manifestações uma lógica preconcebida, e colocar como a principal marca das manifestações de junho a ideia de que há uma aversão à política quando, na verdade, as questões quando são levadas para o espaço público — e sendo questões relativas ao

bem comum, [isso] — são na verdade o resgate da política, da política no seu sentido mais profundo. Então temos, ao mesmo tempo, nesse aspecto, um problema extraordinário, que é a própria esquizofrenia do exercício da ação no espaço público se autoafirmar como apolítica. Então tem uma esquizofrenia, nesse tipo de ação. A minha simpatia se dá na seguinte direção: quando se procura o espaço público como local de manifestação, me parece que se está detonado a oportunidade para um encontro com a política em sua essência. Há aí outra questão, para mim, muito complicada. Pois, ao passarmos da relação virtual à interação direta com as pessoas, você tem outro despertar: de uma relação direta, do toque, do ombro a ombro, da fala direta, e não aquela coisa mecânica, através da internet, através de uma figura a distância que eu vemos na tela do computador, sem interação alguma, e o gosto por encontrar-se na ação coletiva. Eu tenho a esperança de que ao tratarmos de forma positiva, e

não repulsiva, podemos criar condições de possibilidade para que esse encontro gere uma reflexão sobre a própria ação. Ou seja, a tomada de consciência na ação, talvez seja um momento mais fantástico em termos de possibilidade. Tomara que a mídia continue favorecendo e colocando como elemento positivo as manifestações populares, porque elas não têm como não gerar uma reflexão sobre a própria ação, que é uma forma de apropriação da coisa pública, uma retomada do exercício da política numa perspectiva que também, por outro lado, sempre nos foi cara e importante, que é a ideia de que precisamos construir um novo modo de fazer política. O sentido da política construída pelo debate coletivo, pela relação entre orientação para a ação, reflexão e o aprimoramento da ação de forma viva com os participantes da ação. Não mais dentro da velha noção que separa o pensar e o agir, que muitas das vezes levou a produção acadêmica a perma-

necer totalmente apartada das questões sociais. Todo mundo estava fazendo tudo que sempre fez, mas cada qual isolado no seu canto. Então, ocorre um elemento detonar de algo que nos coloca numa situação de desconforto geral. (...) Os debates também estavam ausentes, como se todos nós estivéssemos fechados em caixas e, nesse sentido, é uma bela oportunidade de sairmos das caixas. Os meninos de dentro do apartamento com seus computadores... e nós mesmos, cada qual no seu lugar, realizando análise, mas não dialogando. Esse momento, essa explosão, tem uma outra característica que chama a atenção. Diante da forte mercantilização dos esportes, coincidentemente, ao mesmo tempo em que estava ocorrendo a antecipação da coroação do nosso esporte maior, que é o futebol, as pessoas estranhamente se manifestaram contra! ... Ao carreamento dos recursos públicos para o gasto com a construção de estádios. Portanto, tem uma sé-

rie de elementos surpresas nas manifestações de junho. O futebol, que sempre foi considerado o ópio do povo, de repente não impede um surto de manifestações violentas. Como é isso?

Gustavo: Eu brincava que a política tinha virado o ópio do povo...

Julia: Porque as manifestações tinham um clima de entrada de Maracanã também... tinha um empurra-empurra, um princípio de arrastão.

Jardel: O que aconteceu nos anos 1960, naquelas manifestações muito violentas, com muita repressão? Aquilo criou em alguns de nós, que tinham algum compromisso, certa responsabilidade, certa habilidade para lidar com situações que fugiam do controle. E foi assim, de tempo em tempo, a gente reencontrava situações de grandes mobilizações. Analisando desde 1968, depois tivemos a luta pela anistia, seguiram-se as mobilizações pelas eleições diretas. Em todas as manifestações tinha gente infiltrada, sempre teve gente infiltrada, tentando

provocar situações de confronto para desmoralizar e desvirtuar os movimentos... Então muitas vezes nós tínhamos...

Gustavo: O Riocentro mesmo foi uma tentativa dessa...

Jardel: Mas tínhamos ações para tentar restabelecer o controle da manifestação. Ao longo do tempo, aprendemos a lidar com essas situações e tentar interferir para que as manifestações alcançassem seus objetivos e preservassem uma determinada perspectiva. Na situação atual, essa coisa difusa cria um problema sério para quem acredita em manifestações, que tenha um horizonte de mudanças: as manifestações aparecem, por um lado, como tendo como mote central a defesa dos serviços públicos, que é um elemento importantíssimo. Educação, saúde, transporte, e aí tem uma coisa que é preciso fazer, uma ponte para discutir com as tendências do movimento sindical: se avaliarmos certas reivindicações do movimento sindical atual, veremos que elas estão voltadas

para pleitear das empresas o financiamento de educação e planos de saúde privados, na contramão da luta por educação, ou saúde de qualidade.

Julia: Pública, né?

Jardel: Claro, pública... pública e de qualidade. Muitas vezes, são feitas reivindicações para pagamento de escolas privadas para os filhos, entendendo que a escola pública não é mais algo que mereça investirmos. Portanto, tem uma visão, uma interpretação que vai na contramão... outra questão é o pleito pelo transporte subvencionado, na forma... do vale transporte. Então, nos esquecemos que na luta por uma condição de cidadania plena para todos, deveríamos buscar assegurar a universalização de todos esses serviços. O nosso pleito, a educação pública, sempre foi um pleito da classe trabalhadora, mesmo sob o controle do outro lado, as conquistas neste sentido foram resultado de uma luta pesada, nos países, pelo bem-estar social, e isso ocorreu como a con-

trapatida exigida pela classe trabalhadora, para se estabelecer o chamado pacto distributivo. (...) A luta salarial, por exemplo, precisa ser discutida com mais profundidade, dado que, por vezes, há uma noção de que a política de recuperação do poder de compra do salário mínimo [profissional] cria dificuldades, uma vez que se convencionou usá-lo como medida para os salários de alguns profissionais. Ou seja: quantos salários mínimos você ganha. Assim, se eu ganhava 20 salários mínimos em determinado momento, a medida que uso, para avaliar a situação de minha remuneração, é verificar se, ao menos, mantenho igual relação com o salário mínimo. Significa que eu sou um oponente de uma melhor distribuição de renda no país. Podemos observar, assim, que há uma grande necessidade de mudança nesses elementos que nos acostumamos a tratar como tradicionais: coisas que vinham na contramão de uma perspectiva de aprofundamento da democracia no

país, de ampliação de tomada de consciência e da participação cidadã. Da ideia de criar uma democracia mais participativa, retomando debates importantes que fizemos lá trás... por exemplo, a questão do orçamento participativo. Temos que promover uma discussão profunda sobre como se constrói o orçamento público em todas as esferas do Estado, como o orçamento público é aplicado e quem se beneficia dele. Nós temos que enfrentar a discussão sobre as reformas estruturais, apontadas como necessárias desde 1950. Nós temos que pensar qual o tipo de estrutura tributária vamos adotar no país, que não reforce a péssima distribuição de renda. E colocar o trabalho na dimensão em que esse é o meio através do qual a quase totalidade da população brasileira obtém os recursos necessários à sobrevivência. Precisamos ainda enfrentar, inclusive, essa história de nova classe média, que é uma falácia. Vocês, melhor do que eu, sabem disso... o que te-

mos é um crescimento da classe trabalhadora brasileira, uma incorporação significativa de novos trabalhadores via o mercado formal, mas que é um mercado, mesmo sendo formal, de baixíssima qualidade, com empregos de baixa duração, de baixíssima produtividade, e que exige reduzidos requisitos para sua realização. Por isso, torna-se fácil e barato demitir as pessoas do emprego.

Agora, trazendo um pouco para aquilo que é o objeto central das atenções do Dieese, as condições de trabalho, como um dos aspectos da própria qualidade de vida, a questão da jornada de trabalho, das expectativas de progressão profissional dos indivíduos. Esses elementos são importantes para nós do Dieese, e deve a temática nos chamar para o debate na ação. Por isso que, talvez, Julia, o Dieese não tenha sido acionado nesses últimos tempos: porque é uma vinculação que não interessa a ninguém colocar diante das discussões salariais, das questões de ordem econômica, submetendo tais

questões às orientações de caráter político. Porque toda questão econômica, na verdade, é em si uma questão de natureza política. Então, quando os temas centrais das campanhas eleitorais se voltam para priorizar as questões de ordem meramente econômicas, estamos mal das pernas. Foi a inflação, foi o crescimento, a questão da abertura comercial com a nossa inserção subordinada ao processo de globalização financeira internacional, foi lá atrás a questão da industrialização. Então, temos o vício, de sempre colocar a economia como sendo o motor das nossas escolhas, das nossas decisões

Julia: Um norte a ser perseguido também, é propulsor e meta.

Jardel: Pois é. Então a gente precisa fazer com que a economia seja colocada a serviço de objetivos políticos, que tenham essa dimensão de atendimento dos anseios da população como um todo. Por isso, a democracia no Brasil é um problema, porque se vivermos um ambiente democrático e de aprofundamento da democracia,

vamos ter que resolver uma série de coisas que não cabem nos modelos adotados até então, em nosso país. Desse modo, a enorme quantidade de recursos hoje que é disponibilizada para o capital privado, para incentivar o investimento privado, é um problema, porque esses recursos concorrem com o atendimento de dramas importantes da sociedade brasileira. Eu falei para a gente promover uma conversa e estou falando muito.

Julia: é claro, você sabe muito mais que a gente.

Jardel: não, não sei nada, eu tenho mais interrogações do que vocês, que ainda tão acreditando que por terem feito mestrado e doutorado já não precisam mais fazer perguntas. Eu continuo achando que temos que fazer perguntas.

Julia: É claro que não! A gente só fez pergunta aqui!

Jardel: Risos

Julia: Você está se contradizendo!

Gustavo: Então, eu não vou fazer análises profundas, mas posso sair do armário para deixá-lo mais contente. Mas infelizmente é para convergir, vai parecer que é justamente conversinha de comadre... você começa dessa maneira, fazendo um elogio à política contra o economicismo e eu não estava imaginando que você ia fazer isso, mesmo porque chegamos aqui com um pressuposto...

Jardel: Qual foi? Pode dizer...

Gustavo: O pressuposto, na verdade, a gente já comentou: é que talvez houvesse o sentimento de que uma injustiça estava sendo cometida com os sindicatos numa conjuntura como essa. E que se quisesse desfazer um pouco, para falar um pouco da importância do sindicato... mas aí você começa, na verdade, mais com essa autocrítica do economicismo do qual o sindicato faz parte, do qual você acha que o Dieese faz parte também. Por isso fiz pergunta dessa maneira: Você se identifica com os movimentos? Ela é

menos inocente do que parece, porque eu já estava fazendo uma teorização com base na sua trajetória, com base naquilo que você estava falando, porque já me pareceu que uma marca na sua biografia é a procura da política. Então ela começa lá... nesse encantamento pelo movimento de lutas urbanas...econômicas, mas num ambiente urbano, dos estudantes indo jogar xadrez no trilho do bonde. Assim o movimento estudantil é um lugar que abre para a política, abre para a discussão, para a cena pública. E o movimento estudantil até precedeu o movimento sindical. Num determinado momento, o movimento sindical pareceu interessante a você, à sua organização, porque era um lugar onde também poderia se abrir uma política, ainda que com base naquela visão ainda muito tradicional de que o âmbito de questionamento é o sindicato, e vocês foram lá experimentar isso [durante a luta clandestina]. Sindicalismo que vinha num movimento difícil, porque em 64, justamente porque

era atuante, a ditadura caiu sobre o movimento sindical mais cedo até do que outras entidades, mas aí vocês vão experimentar o movimento sindical, ficar lá muito tempo. Mas parece-me que essa busca da política, que tem um entendimento de que a política é algo que tem a ver com a experimentação, com o inesperado, com o intempestivo, não vem de determinações econômicas duras. Isso eu acho que marca a sua trajetória, tem a ver com suas reflexões, sejam as reflexões do grupo de estudos, ou as mais recentes. E foi por isso que me pareceu que é um reencontro para você ver esses movimentos, é reencontrar aquilo que você buscou em muitos momentos. Isso me parece interessante por que justamente comecei a ensaiar um artigo sobre os movimentos e a procurar determinações, por que agora [esses movimentos desde junho]? Aí surgiu aquela tentativa de determinar sociologicamente qual foi o fator, e eu não conseguia, até que fui reler o Castoriadis, aquele da experiência do movimento operário. E

ele começa o livro falando que as manifestações operárias que ele estava observando, inclusive nos Estados Unidos, não tinham como ser enquadrados em nenhuma determinação material, que todas elas deveriam ser vistas como uma erupção da política a partir de desejos, de vontades de explicitar, vontade de questionar o mundo. E eu falei, é isso! Esses movimentos devem ser interpretados, em primeiro lugar, como aparecimento "Político", que não é determinado pela economia, porque se a gente olhar a economia, ainda que tenha fragilidades recentes, são muito recentes e desproporcionais à amplitude desse movimento. Então comecei a embarcar nisso: a primeira coisa [nos movimentos] é "falar", isso não é sociologicamente determinado, isso parece refletir muito mais os anseios, as visões de mundo. Não sei se você vai concordar comigo de que temos algum tipo de convergência. Mas você pode retrucar: não é nada disso que eu estou dizendo. Mas dessa forma eu pelo menos pretendi sair um

pouco, pois já teve economista que disse assim: "it's the economy, stupid", e já que escreveram: "no fundo é porque estamos numa grave crise econômica", mas já tivemos tantas e não tivemos esse movimento.

Julia: Mas, só um instante: no Brasil a gente não está numa grave crise econômica, talvez em outros países sim...

Gustavo: Pois é... mais um argumento, os fundamentos são frágeis, mas não foi por isso que durante uma Copa das Confederações as pessoas foram contra a Copa, não foi porque elas estavam se tornando mais pobres, por exemplo. Então gostei muito da sua narrativa, mas para fazer um vínculo com uma preocupação que nos trouxe aqui, gostaria que você avaliasse um pouco o papel dos sindicatos desde junho, o que você está achando da participação, ou da ausência, do modo como eles estão tentando interagir com essa movimentação toda?

Julia: E só para juntar com a pergunta, eles [os sindicatos] procuraram

o Dieese para discutir? Fazer debates? Tem essa demanda? Para tentar entender isso? Da mesma forma que a gente está aqui tentando entender um pouco, os filiados têm essa preocupação? Ou o Dieese até para os próprios sindicalistas é visto dessa forma técnica, como você colocou no início?

Jardel: Eu tenho visto algumas iniciativas de sindicatos que vão fazer algum tipo de atividade formativa, chamando alguém do Dieese para alguma fala, para entender o que está acontecendo. Mas eu, sinceramente, como não tenho informação de como isto está se dando em nível nacional, diria que é muito pouco. A primeira vez que estou sendo chamado para fazer esse tipo de conversa é agora, aqui. O que eu também vi, o que também acompanhei com os demais técnicos do Dieese aqui no Rio de Janeiro especialmente, foi o seguinte: dado que as ruas foram tomadas, sem uma comunicação prévia às organizações formais, o movimento sindical se tornou

uma organização formal, institucionalizada — foi também uma surpresa. E o que ocorreu foi que o movimento sindical, inicialmente, achou que era uma coisa que... isso é uma tentativa de interpretação... que não lhe dizia respeito de imediato, ficou meio reticente, porque a mídia foi muito ágil, primeiro, ao sentar o cacete e, depois, defender e tentar colocar a ideia de que era uma coisa voltada contra o governo federal. Então, houve uma reação que inclusive criou uma certa paralisia no movimento sindical, porque gerou uma desconfiança muito grande em relação ao que seria aquilo. Num segundo momento, o pessoal foi para rua, tentou ir para rua, mas tipo... vocês sabem que tem aquela história: “as condições objetivas para transformação radical da sociedade estão dadas, falta condição subjetiva”. Então, quando, aparentemente, combina as condições subjetivas e objetivas, existe a necessidade do protagonismo para conduzir, para dar o sentido, dar o ca-

minho, aí lá foi, me parece, o movimento sindical, para marcar uma certa posição e houve uma reação do grupo que estava lá, "espontaneamente". Também a presença das bandeiras dos sindicatos, que vinham acompanhadas das bandeiras de partidos políticos e tal... então houve um atraso na tentativa de acompanhar, e de compreender e assimilar o que estava acontecendo. Porque num jogo desses, se fosse uma ação estratégica do movimento sindical, que eu acho inclusive que precisa ser analisado, que tipo é esse tal do movimento sindical... talvez seja uma coisa complicada para um técnico do Dieese arriscar a fazer... Mas se fosse uma coisa estratégica... as representações da classe trabalhadora deveriam se apresentar? Como mais um grupo, entendeu? Como mais um grupo. E que se afirmasse, à medida que o jogo fosse se tornando mais claro, e não chegar lá e querer definir "é por aqui", entendeu? [Mas] Entrar como se ali faltasse condução.... Então acho que houve um primeiro embate

diante de algo que está se constituindo, com algo que já vem com as bandeiras demarcadas e achando que isso é o que falta naquele espaço de atuação. Eu queria recuperar um pouco lá atrás a minha inserção, quando deixo de ser um militante do movimento estudantil e vou para a classe trabalhadora. É que naquele momento, enfrentamos uma discussão sobre como realizar um esforço para contribuir com uma nova militância, que era uma militância de classe. Creio que a militância de classe se diferencia da militância sindical. Acho que isso é importante para entendermos a distinção entre a ação sindical e a ação da classe trabalhadora. Ao longo da minha militância, tentei atuar numa perspectiva da classe trabalhadora, nunca fui um militante sindical, mesmo quando estava trabalhando em fábrica, porque tínhamos o entendimento de que a ação de classe se dá para além da estrutura de organização fabril, pois a estrutura fabril marca de forma hie-

rárquica a organização dos trabalhadores que, de certa forma, vão reproduzir no espaço organizativo-corporativo as mesmas hierarquizações que a empresa estabelece. Isso só é possível perceber, acredito, se fizermos uma retomada e ver o que acontecia antes de 64, com o movimento sindical no Brasil, em que, por exemplo, uma greve era detonada a partir das instâncias decisórias muitas vezes fora do local de trabalho, fora do movimento sindical... por vezes, as lideranças sindicais eram também figuras que estavam mais bem-situadas na hierarquia da empresa, então, mestres, contramestres, encarregados eram os quadros preferidos pelo partido comunista daquela época, que pregava uma hierarquização forte. Conta-se que, por vezes, as decisões sobre entrar em greve eram comunicadas por telefonemas. Então, o movimento sindical que surge no ABC tem uma configuração que se constitui fora dos partidos tradicionais. Lembra? Eu não sei por que a gente estranha tanto a história. As lutas do ABC

começaram a acontecer quando vigorava, oficialmente, uma estrutura partidária assentada no bipartidarismo, com o MDB e a Arena. Naquele momento, ninguém explicava como surgira aquele movimento, só quem estava no interior das fábricas fazendo o que era possível na clandestinidade, tinha muita gente vivendo na clandestinidade naquele momento ali, ou semi-clandestinidade, e de repente explode. ... Você trouxe o Castoriadis, que é um grande analista desses acontecimentos que surpreendem na história social. Quero dizer que não necessariamente as ações relevantes brotam de algo planejado, construído, mas de situações que confluem em determinados momentos e geram efeitos de ruptura. É importante, portanto, primeiro, pensar que o modelo de corporativismo que aparece no movimento sindical brasileiro foi imposto pela ação interventora do Estado autoritário. O movimento sindical, no seu nascedouro, apresenta-se como movimento com forte caráter de classe; era comum a

ocorrência das greves de solidariedade. Esse tipo de movimento foi desaparecendo e o Estado Novo fez isso: a definição de quem é de uma determinada categoria tem a ver com a inserção da empresa na qual o indivíduo trabalha. Então, passava a ser o setor a que se vinculava a empresa que determinava a que categoria pertencia os seus empregados. A empresa registrada como construção civil indica o trabalhador da base do sindicato da construção civil. O trabalhador da empresa do ramo metalúrgico determina que seu empregado é metalúrgico, não é mais a característica da atividade que o profissional exerce que o coloca como um membro dessa ou daquela categoria. Então, temos uma tendência corporativa que é imposta pelo Estado interventor, com o objetivo de abafar os conflitos de classe. Então... o que acontece? O movimento sindical acaba de certa forma, hoje, se confrontando com uma perspectiva acentuadamente corporativa e precisa enfrentar essa

questão. Portanto, a nova situação colocada no exercício da política, impõe um desafio para o movimento sindical, que é: por um lado resgatar os vínculos com as próprias bases, voltar a ganhar uma dinâmica de movimento que é a de expressar os interesses dos membros daqueles que lhe cabe representar. Outro desafio é avançar no sentido de restabelecer os vínculos que orientaram a própria criação do Dieese: avançar na construção de uma lógica de ação intersindical. O Dieese é um órgão intersindical, cuja atuação visa romper com o caráter privado das reivindicações específicas de determinada categoria profissional, para ganhar uma dimensão pública, uma dimensão de classe. Essa é outra questão curiosa, uma vez que nenhuma organização intersindical foi aceita durante a ditadura, por isso as centrais sindicais foram postas na ilegalidade. Mas o Dieese conseguiu manter seu caráter de atuação intersindical. Mesmo com os antigos dirigentes sindicais passando a

assumir postos no legislativo e nos diferentes cargos executivos, não se problematizou esta questão. Creio que precisamos problematizar isso. Você não passa automaticamente da ação/representação sindical para uma ação/representação de classe, tem que ter uma ruptura. Você precisa romper com os laços do que são as vinculações de caráter corporativo, e isso marca a ação do Dieese. E a ação do Dieese precisa de uma pressão que vem das demandas sindicais, para que a gente faça análises mais integradas em relação ao mundo do trabalho. Apesar de o Dieese ter pesquisas importantes sobre o mercado de trabalho, sobre o mundo do trabalho, a produção de análises sobre a situação do mercado de trabalho no Brasil, ainda assim também somos marcados por uma leitura muito segmentada da realidade social. E eu quero ressaltar e colocar isso para vocês: Seria possível imaginar, fugindo da perspectiva determinista, entender que uma construção histórica, uma construção social e

política, apesar de sua recorrente interrupção pelas forças que controlam o poder, seja retomada em momentos posteriores como resgate da corrente histórica rompida?

Se a minha leitura é adequada, o Wanderlei Guilherme diz que temos um problema no Brasil: que dada a ausência de regras garantidoras de mínimos sociais, o povo não costuma ousar em busca de novas conquistas, porque, não dando certo, poderia haver um retrocesso em relação ao ponto de partida. Portanto, nesses momentos assim, ocorrem situações de ousadia que, pela própria novidade e risco que envolvem, poderiam, inclusive, explicar determinadas ações violentas. Seria algo a mais que precisamos tentar compreender: Quem são os grupos que hoje que estão apelando para violência? Porque você tem gente infiltrada, você tem grupos de interesses dos mais diversificados, tem grupos que não possuem identidade clara, mas tem também a ação de tornar

mais contundente o apelo de mudança. Uma coisa é você quebrar vidraça de um banco, você quebrar um símbolo da política atual, a outra coisa é você espancar algum grupo que mostra alguma identidade. Então, como é um movimento que tem essa característica espontânea, e por vezes de intolerância, é preciso também saber lidar com isso: não é só comemorar a eclosão desse movimento, mas acho que é preciso agir e refletir para se buscar meios para que esse movimento coloque a história brasileira nos trilhos da construção de um ambiente democrático que também seja qualificado, no sentido de abrir espaços para participação popular. E isso para mim só vem com aquela lógica: a ação que se faz deve ser uma ação refletida e que gere uma nova ação mais consistente, mais consequente para mudança. E aí eu acho que tem o nosso papel por vezes como militante e também o nosso papel como analistas, ou pretensos analistas da realidade, e que é preciso ousar isso. Contudo, não é

simples, não é uma tarefa... não é uma tarefa para economista. O meu apelo, que talvez fosse legal colocar até para revista, é de que as conversas relativas à procura de análises consistentes dos movimentos atuais e futuros, possam ser promovidas procurando imprimir um caráter multidisciplinar, de juntar sociólogos, historiadores, geógrafos, filósofos, psicólogos e, se houver espaço, envolver até economistas...

Julia: Se for como você... mas Jardel, desculpe interrompê-lo, mas eu queria colocar duas questões. Eu também fiquei discutindo nas minhas aulas com os alunos, especialmente os alunos de pedagogia, que estavam vendo de maneira muito refratária os movimentos, estavam vendo como eles impactavam no dia a dia da sua vida... então elas estavam — a maioria são alunas — muito incomodadas com a baderna, com “ah, não posso carregar meu riocard, não posso voltar para casa, porque a Rio Branco está fechada”. E é uma crítica muito egoísta, uma crítica muito individualista, e eu

fui trabalhando os conceitos de “ação social”, de “mudança”, e no conceito de “mudança social” é impossível não prever ação violenta. Nenhum teórico, enfim, vai dizer que é possível ocorrer mudança. Qual o grau de violência? Ele vai ser variado, mas pensando assim, a mudança é uma ruptura. Assim, com essa última fala, eu fiquei pensando no que você disse inicialmente: a ação direta. Que ação direta é essa? Que democracia é essa? Falar um pouco disso e de outra coisa que me chamou muita atenção nas manifestações que fui: O que é esquerda e direita hoje? Você falou em organização de esquerda, suas participações... mas eu fiquei pensando: isso é uma questão que está muito candente, o que é isso?

Jardel: Talvez por uma questão de vício, ou talvez por uma questão de ultrapassagem, ou seja, eu estava ultrapassado. A questão de direita e esquerda como tradicionalmente sempre foi tratada, me parece que permanece. Obviamente que isso não é definido por discurso, mas por ação. Como

temos hoje a valorização da ação, como elemento de identificação, é óbvio que você quando age em defesa do statu quo — e tem muita gente que age para defender o statu quo, mas pelo gosto de elementos de arte e tal se considera avançado e de esquerda, mas na ação é defensor do statu quo, e [por outro lado] têm aqueles que querem quebrar a lógica que domina e que define o statu quo. Não é uma questão de escolha, é uma questão de posicionamento. Assim, quando fui em busca de me habilitar para compreender a sociedade, não era um exercício intelectual. O exercício foi o meio... foi o instrumento para resolver problemas de natureza pessoal que a vida colocou para mim como obstáculos: eu tinha necessidade de buscar entender a realidade do mundo a minha volta, por isso eu sou um velho que não mudei minha posição em relação ao menino que foi buscar e encontrou uma concepção filosófica para agir. Muita gente fica incomodada: “esse cara não para com essa brincadeira, não passa,

continua sendo um moleque atrevido". Então eu acho que segue existindo quem necessita de mudanças radicais e que é radicalmente a favor da preservação da atual situação. O quadro que se coloca não é aquela coisa do sujeito se autodefinir e ir para mesa de bar fazer discursos ditos revolucionários. Você tem um posicionamento claro a favor ou contra o statu quo. Acho que nós passamos por uma situação, em que segue valendo a ideia de que a revolução é parteira da revolução. O que é uma revolução? Não é o "dar tiro", mas é a promoção de uma transformação radical de um modelo social, e o Brasil deve e necessita promover mudanças profundas, mudanças estruturais importantes. Não podemos continuar vivendo numa sociedade que mantém a mesma lógica de exclusão, que, na verdade, reproduz o colonialismo e a escravidão. Não podemos continuar aceitando isso. Isso é insuportável! Ou isso é enfrentado e a gente aprofunda a democracia no Bra-

sil, ou então alguma coisa vai acontecer para restabelecer algum tipo de Estado autoritário. Esse é o jogo que está colocado. Você tem sim esquerda e direita, mas é cada vez mais difícil saber quem é quem, porque a conversa fiada está colocada aí... ninguém se define como direita, a não ser hoje... até tem uns caras sem-vergonha para se definir como direita, mas eu acho que sim. Você tem isso.

Julia: A democracia direta e esses atos violentos... porque isso tem sido muito controverso...



**Figura 3.** Prédio da Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro após a manifestação do dia 17 de junho de 2013.

Fonte: <http://jfabioripardo.blogspot.fr/2013/06/prejuizos-na-alerj-com-depredacoes.html#.UobFWSjQmOM>

Jardel: Em relação à questão violência, lá atrás... e não somente nos interrogatórios, mas também na própria disputa da chamada esquerda, as pessoas questionavam: "Você é a favor da luta armada?". Mas me parece que isso não é uma escolha de quem quer mudança, a impressão que me dá é que quem define como a estrutura de poder irá mudar é quem detém o poder de fato. A estrutura de poder é diferente de governo, então, outra confusão que fizemos no Brasil é: o fato de o PT assumir o governo, não significa que o PT chegou ao poder, o poder continua nas mãos de quem sempre teve o poder. Só que o PT, hoje, é que está governando, quer dizer, ele e parte das esquerdas tradicionais estão governando uma sociedade, ou um conjunto de elementos que segue submetido ao mesmo poder de sempre, por isso a mídia tem um papel importante em demarcar as posições. E todo mundo, de certa forma, tem que ouvir a mídia. E agora também a mídia ficou meio perdida, ficou meio sem saber

para onde atirar, e até agora não sabe bem o que dizer ao certo sobre a situação. E o que eu acho? Quem define os instrumentos que vão permitir a mudança é quem está no poder. Se sou eu que estou no poder e vocês querem mudar, quem vai definir quais são os meios é a minha capacidade de resistência no poder. Em Portugal tivemos a revolução dos cravos, mas não foi o cravo que tirou Marcelo Caetano, que dava sequência à ditadura de Salazar, não foi o cravo dado para eles. Teve tiro também. Eram dois grupos armados: as forças armadas de um lado e as forças armadas do outro. Como era Portugal, dava para medir quantos têm do lado de lá, quantos têm do lado de cá. Mas o que vimos ao longo da história da humanidade são manifestações populares como essas, que estamos vendo aqui no Brasil. Em 1905, na Rússia, e em vários outros lugares em que você vê a população sendo metralhada. Vamos analisar a Síria, os países árabes. Isso é o que ensina a história da sociedade: como você remove do

poder um grupo que monopolizou o poder ao longo da história. E aí temos um problema no Brasil, que é outra questão de ordem cultural e ideológica: o nosso horror ao conflito. Outro dia discutia com uma pessoa que dizia: Eu sou a favor das manifestações, mas sou contra esse negócio de quebrar o patrimônio. Aí eu, tentando mostrar que é preciso olhar com cuidado os comportamentos das pessoas, para não dizer que são bandidos e que precisam ser tratados como tal, perguntei: Quando o indivíduo, por falta de assistência, aos 15-16 anos perde todos os seus dentes, é uma forma de você quebrar o patrimônio desse indivíduo? Quando o indivíduo quebra um braço, quebra uma perna e fica mutilado por falta de assistência, é uma forma de você quebrar o patrimônio físico desse indivíduo que não vai se apresentar mais como alguém? Então que patrimônio que a gente leva em conta? Se é o carro de último tipo...

Julia: Dos policiais? Dos deputados?

Jardel: Não, não. daquelas concessionárias em Belo Horizonte... Que patrimônio que estamos defendendo? O patrimônio da pessoa que está jogada na rua? Que vai continuar jogado na rua? Ou aquele carro. Então, quando se fala de violência, quando se fala de conflito, é preciso saber onde nasce esse conflito. O indivíduo que é impedido de continuar qualquer percurso por uma questão racial, por uma questão de classe, de pobreza, por uma questão de não ter uma "apresentação condizente"? O que é patrimônio? Quantas crianças foram sacrificadas pelos povos antigos, como oferendas aos deuses, quantas das nossas crianças são hoje sacrificadas pela acumulação de capital? Por se pratica taxas de juros aviltantes? Quantas crianças ficam fora da escola? Quem cuida do patrimônio cultural das famílias brasileiras? Onde está isso? Quem é que vê isso? Você já viu? Eu não preciso ver isso. Se eu sou um desvalido, todo desvalido é o indivíduo que foi apartado de patrimônio, de riqueza.

Quando esse indivíduo se manifesta, como ele vai ter critério de defesa de patrimônio? E vocês lembram do filme *Edukators*, no qual a menina está trabalhando, e todo rendimento que recebe é para pagar o prejuízo num carro de alto luxo de um executivo? Até aonde as pessoas se equilibram para não provocar um desastre no patrimônio do outro? Que patrimônio deve ser protegido? Do sem-terra, que é o despossuído de patrimônio, e que portanto já foi arrebatado, do ponto de vista do seu patrimônio. E o cara que é um latifundiário, que produz alimento, só para ganhar dinheiro, para o mercado externo e que não tem compromisso com a sociedade? Nosso empregado, que compromisso tem hoje com a sociedade brasileira? Que disposição eles têm de investir? Que disposição eles têm de investir na montagem de um processo produtivo para que os postos de trabalho sejam efetivamente qualificados e não colocar a culpa no trabalhador pela baixa produ-

tividade, pela baixa qualificação do trabalhador? Então, nós temos um problema: a ruptura e a quebra dos patrimônios estão no nascedouro, na constituição da sociedade brasileira. E assim, numa ordem dessa, a gente precisa perguntar o que é violência. Porque tem uma violência permanente, que não passa necessariamente pela pancada da polícia, pela bala de borracha, pelo gás lacrimogêneo ou pelo tiro... Mas uma violência que é constitutiva da nossa regularidade de reprodução social. E tem uma violência que ela é, pode ser escandalosa, porque é a forma de se mover da condição de despossuído para alterar o quadro. Assim, nesse sentido, não precisamos ficar fazendo a defesa da violência: precisamos acusar a violência e fazer alguma coisa para instrumentalizar aqueles despossuídos de instrumentos de poder para promover a mudança qualitativa na sociedade brasileira. Começamos uma situação de incorporação de pessoas, num mercado consumidor muito incipiente, através dessas

políticas de renda; tivemos a absorção de muita gente no mercado de trabalho, com até um salário mínimo e meio (a maioria das pessoas que entrasse nesse mercado de trabalho formal recebem até um salário mínimo e meio). As pessoas entrando na escola, mais gente entrando na escola, inclusive nas universidades... mas vivemos uma situação de mal-estar social crescente. Do ponto de vista da organização da cidade, a gente pode aqui no Rio, ao longo da história, ver bairros populares, que iam melhorando aos poucos — como Campo Grande, por exemplo, que é o bairro onde nasci, e no qual o pessoal ia construindo suas casas e melhorando, e, portanto, formando bairros populares —, e se você andar pela cidade hoje vai ver que vários bairros, que antes eram bairros populares, se favelizaram. Então há uma estrutura de cidade que vem sendo degradada ao longo do tempo, e temos uma coisa complicadíssima: ao mesmo tempo que o Brasil vem sendo alarde-

ado como um exemplo de enfrentamento da pobreza, vivemos um estado de mal-estar social crescente, apesar de a Constituição de 1988 ter indicado a possibilidade de criarmos minimamente um Estado de bem-estar social. Para terminar a nossa conversa...

Gustavo: Tem certeza?

Jardel: (...) É o seguinte... eu comecei falando disso: saímos de um estado de impedimento, pelos vários exercícios de autoritarismo, e quando começamos a construir um caminho de maior democratização, de maior participação, vem uma interrupção. Novamente o Brasil vive um processo de fuga para a frente, como diz o José Luis Fiori; para enfrentar os momentos de exacerbação dos conflitos, a saída é apelar para a frente, de tempos em tempos, a busca de solução dos problemas sociais, então abre-se espaço para alguma coisa mais avançada. Mas o que acontece? Toda vez que isso ocorre, dá-se uma interrupção, e então é possível olhar o movimento atual e refletir o seguinte: chegando no final

dos anos 1970, começamos a ter uma organização da classe trabalhadora que se expressou pelo chamado sindicalismo autêntico, um sindicalismo de luta, de ação. Quando entramos nos anos 1980, tivemos a criação das centrais sindicais, a retomada dos partidos políticos, e isso foi avançando até chegarmos na Constituição de 1988, que dava um panorama, um desenho de possibilidade, de construir uma sociedade mais desenvolvida, mais igualitária, com característica mais social-democrata no Brasil. Quando chega 1989, temos o coroamento desse processo, quando se apresenta o “risco” de um operário ser eleito presidente da República, depois de tantos anos de ditadura e de impossibilidade de eleição direta para presidente da República. Entra o candidato da situação, que era um candidato descaracterizado, de um partido ridículo, mas que entra; e aquele movimento que vinha surgindo anteriormente, a capacidade de mobilização que vinha crescendo e que se expressou no último comício

pré-eleitoral de Lula, em várias cidades do Brasil, acaba se recompondo para a derrubada do Collor. Depois, “nós” entramos na era em que os direitos trabalhistas passaram a ser tratados como coisa de marajá, de privilegiado, tem-se ali um início de uma contraofensiva aos pleitos da classe trabalhadora por ampliação de direitos. Começa, então, o governo Fernando Henrique Cardoso, que cria um impedimento pesadíssimo para a classe trabalhadora continuar ousando, usando a justiça do trabalho para punir os sindicatos — no caso exemplar que congelou o recurso da FUP, impedindo o movimento sindical de ter vida. Também durante o governo Fernando Henrique Cardoso, as taxas de desempregos atingiram níveis recordes, passando-se a se difundir a ideia de que não haveria mais emprego formal e a noção de empregabilidade, atribuindo ao próprio trabalhador a responsabilidade pelo desemprego. Haveria, deste modo, pessoas que jamais teriam em-

prego permanente. E o que aconteceu? A onda que veio foi a mesma que também vivenciamos, ao longo dos anos 1990, uma interrupção na ousadia da classe trabalhadora.

E quando avançamos pelos anos 2000, temos, de novo, uma retomada das expectativas de mudança, alimentada pela classe trabalhadora, com a eleição de Lula, em 2002. E apesar de alguns avanços ocorridos desde então, as pessoas começam a reagir, a expressar a necessidade de aprofundar as mudanças de diversas ordens, a partir dos serviços públicos de saúde, educação e transporte. Para entendermos o momento atual, precisamos olhar a história e acompanhar o percurso que vai se dando com interrupções, mas retomado mais à frente, no qual, durante todo o tempo, ocorrem atos de violência contra manifestações, que muitas vezes são profundamente pacíficas. Basta lembrarmos do caso do Pinheirinho, em SP. Como foi tratado? A manifestação dos estudan-

tes da USP, como foi tratada? Os operários de Jirau, que tiveram que tocar fogo nos alojamentos para o pessoal ver a situação deles, lá no meio da floresta, por causa da construção de uma hidrelétrica importante. Analise na história quais foram as situações de violência contra a classe trabalhadora, desde Corumbiara, aqueles massacres de movimento dos sem-terra... Então isso vem no caudal da história brasileira, e, embora não fique na ordem do dia de movimentos espontâneos ou não espontâneos, quando a situação social exige que haja uma mudança de postura de todo mundo, inclusive de governos que consideram que não devem nenhuma satisfação à população quando define que a educação é um negócio. Você já ouviu isso aí, né?

Julia: E professor é entregador de conhecimento, motoboy...

Jardel: Exatamente, isso é violência. E é o que acontece, aí pega metrô em São Paulo, pega essas...

Julia: Metrô do Rio também, essa expansão...

Jardel: Metrô do Rio... essas empresas de transporte, todas essas coisas. Eu acredito que a partir de uma leitura histórica dos movimentos sociais no Brasil, somos capazes de criar elementos que nos permitem identificar que há uma dívida da sociedade com a maioria da população e, em cada momento histórico, é certo que grupos irão se apresentar e detonar o processo de mudança capaz de cobrar tal dívida. Grupos que estarão no fogo da luta e nos surpreendendo para a necessidade de transformar a democracia no Brasil em algo que de fato possa ser o espaço do exercício, do jogo de interesses e da busca do bem comum, e enfrentando a brutal situação de desigualdade que nossa sociedade continua vivendo. Acho que a saída... eu vi uma vez um documentário, um dos discursos mais bonitos de um militante argentino, que dizia: "se algo está disponível para o povo promover as mudanças, isso é o exercício da política". Quando o statu quo quer desmoralizar a política, está querendo roubar do

povo o único instrumento de mudança. Desse modo, quando se faz esse estardalhaço contra a política, é para que a gente não descubra que a política é a única via para mudança. E as formas de fazer política vai depender da situação daqueles que controlam o poder, com mais força, com menos força, é uma palavra melhor do que a violência. Com mais força ou menos força, vai depender de como resistem os homens que estão no poder. Temos dito, foi um prazer reencontrar vocês.

Gustavo: Mas tem o seguinte, se a gente não fizer outra pergunta, o que vai ficar faltando que é muito grave? O que é muito grave? A distinção do movimento sindical do movimento de classe que você fez, achei elucidativa, produtiva, mas ficou faltando algo, porque fizemos a crítica do sindical, mas ficou faltando... Esses movimentos agora são de classe? Essa é uma pergunta, senão teremos que terminar a entrevista e dizer que não deu tempo,

e acho que é uma pergunta fundamental.

Jardel: Obviamente tem uma marca de classe, provavelmente. Mas aí preciso estudar com mais profundidade. Não existe nenhum tipo de movimento que não tenha uma marca de classe, mas se fossemos fazer uma discussão mais aprofundada, se formos continuar nossa conversa, talvez fosse interessante discutirmos o *locus* de gestação daquilo que estamos tratando como... diferenciando movimento político de movimento sindical. O movimento sindical pode estar incorporado no movimento político, mas nem todo movimento sindical tem caráter político na dimensão que estamos dando aqui à política. Então, para que o movimento sindical se expresse como política, na dimensão que estamos dando, ele precisa fazer uma ultrapassagem nos interesses corporativos, nos interesses daquele grupo da categoria. E o movimento sindical discute isso, tem dificuldade de fazer a ultrapassagem. Uma outra hora valeria a

pena discutirmos qual é o *locus*, qual é o espaço de formulação da inspiração política de um partido, por exemplo, como o PT. Se a célula-mãe do PT for o sindicato, que tipo de problemas existe para limitar a ação política do poder. Porque lá atrás o sindicato era visto como um órgão que facilitava a negociação contratual, que viabilizava a relação capital-trabalho. Se for numa dimensão de crítica ao status, à sociedade capitalista, que aparentemente tem. Aí, outra pergunta: Essas manifestações têm um caráter anticapitalista, como muita gente diz que tem? Eu tenho desconfiança, entendeu?

Mas o Occupy, lá nos Estados Unidos, tem um caráter anticapitalista. Os movimentos que geraram esses *black blocks*, que são as manifestações antiglobalização, têm um caráter anticapitalista. Uma pergunta que precisamos fazer é: essas manifestações que estão sendo hoje alardeadas no Brasil, que tipo de caráter têm? Têm caráter anticapitalista, ou têm caráter meramente de fazer reivindicações pontuais

e ficamos numa... nesse sentido, é possível olhar um corte de classe, e se formos rapidamente olhar, temos um corte de classe naquelas pessoas que têm como instrumento as tais redes sociais — as redes sociais são importantes, mas elas não são instrumentos daquela classe de pessoas que estão ocupadas em produzir riqueza para o país das sete horas da manhã às cinco, seis, sete da noite. A classe trabalhadora, a classe operária não está nas redes sociais, não por uma questão de não ter acesso a computador, mas porque o seu tempo de vida útil e de dedicação está inteiramente subordinado à produção de riqueza e à extração da mais-valia, por exemplo. Então, se formos procurar um caráter de classe, acho que é fácil. E era o mesmo caráter de classe que tinha o movimento estudantil em 1968, simples;

não tinha nenhum caráter de classe trabalhadora, mas estava na rua, estava brigando e mantendo acesa a necessidade de transformação da sociedade pela democracia, aprofundamento da democracia, resgate da democracia. Não dá para confundir. Pode ser que as organizações sindicais hoje estejam também na rede.



**Figura 4.** Vista área da Cinelândia e av. Rio Branco, e do Theatro Municipal. Manifestação no centro do Rio de Janeiro em 17 de junho de 2013. Foto: Samuel Tosta (ADUFRJ-SSIND).